



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETÍCIA KARINE DOS SANTOS FERREIRA DO NASCIMENTO

**RELATÓRIO DO ENSAIO FOTOGRÁFICO “AYAHUASCA: DESMISTIFICANDO
A SIMPLICIDADE HISTÓRICA DO CHÁ E SUAS DOCTRINAS EM MACEIÓ”**

MACEIÓ

2024

LETÍCIA KARINE DOS SANTOS FERREIRA DO NASCIMENTO

**RELATÓRIO DO ENSAIO FOTOGRÁFICO “AYAHUASCA: DESMISTIFICANDO
A SIMPLICIDADE HISTÓRIA DO CHÁ E SUAS DOUTRINAS EM MACEIÓ”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Jornalismo do Departamento de
Comunicação Social da Universidade Federal
do Alagoas, como requisito para obtenção do
Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dr^a. Raquel do Monte

MACEIÓ

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

N244r Nascimento, Letícia Karine dos Santos Ferreira do.
Relatório do ensaio fotográfico "Ayahuasca : desmistificando a
simplicidade história do chá e suas doutrinas em Maceió" / Letícia Karine
dos Santos Ferreira do Nascimento. – 2024.
54 f. : il. color.

Orientadora: Raquel do Monte.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 51-54.

1. Fotografia. 2. Ayahuasca – Maceió (AL). 3. Doutrina. I. Título.

CDU: 070 : 77 (813.5)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 03 dias do mês de abril do ano de 2024, das 17h17 às 18h40, realizou-se no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – em formato ensaio fotográfico “*“AYAHUASCA: DESMISTIFICANDO A SIMPLICIDADE HISTÓRICA DO CHÁ E SUAS DOCTRINAS EM MACEIÓ”*” de autoria da graduanda **Letícia Karine dos Santos Nascimento**, matrícula 17112038 do Curso de Jornalismo, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta pelo professor Dr Tiago Penna (1º examinador), pela professora Dra Janayna Ávila (2ª examinadora) e por Raquel do Monte (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

(X) Aprovado, atribuindo-lhe a nota 8,0 (OITO)

() Reprovado

() Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

(Orientadora – Profa. Raquel do Monte Silva)

(1º examinador – Prof. Dr Tiago Penna)

(2ª examinadora – Profª. Dra Janayna Ávila)

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a tudo e todos que me fortaleceram para que eu conseguisse finalizar este ciclo universitário da melhor forma, com o TCC que senti vontade de fazer já na metade do curso. Não foi fácil chegar até aqui e é até clichê mencionar. Mas para toda conquista individual, há uma equipe enorme por trás.

Então para agradecer como me cabe, preciso começar pela minha mãe. Eu tenho meu mérito de chegar onde cheguei, mas foi graças a ela, seu trabalho, seu estudo, seu cuidado, e principalmente, seu exemplo que me deu forças. Fui criada por uma mulher excepcional, que me deu a luz no auge da sua adolescência, precisou sair do colégio para cuidar de mim e nos meus 4 anos de idade, perdeu seu esposo, meu pai. Então começou sua jornada tripla, quádrupla, de trabalhar em dois empregos, estudar a noite na UFAL, chegar em casa e cuidar de mim. Muita coragem foi necessária de sua parte e eu não podia crescer diferente. Com seu exemplo sei que sou capaz de qualquer coisa. Gratidão, mãe! Maria Isabel dos Santos, saiba que sois o meu maior exemplo sempre e para sempre.

Esta equipe que mencionei é formada por todos meus familiares, em especial, a tríade que cuidou de mim e me fez a pessoa que sou hoje, Minha mãe, minha avó Maria da Glória e minha tia Sarah, agradeço a vocês. Agradeço meu padrasto Antonimylle, que sempre me deu força, elogiou minha escrita e me aconselhou a cursar Jornalismo.

Agradeço a minha esposa, que iniciou sua jornada espiritual comigo, a melhor companhia que eu tenho na minha vida, toda sua firmeza e luz a iluminar meu caminho. Meu amor, Micaelly Paixão, neste mundo ainda não existe palavra pra descrevê-la, dada suas qualidades inefáveis. Então só posso te agradecer, Mica, por sempre acreditar em mim, por ser leal e verdadeira, por estar comigo na oração e nas doideiras, na tristeza e na alegria. É a você que dedico este trabalho, para a flor que mais brilha no reino do astral.

Gratidão a todos os meus colegas que fizeram da universidade uma experiência muito além da acadêmica, ainda mais as Paquitinhas do COS e a Resistência, grupos formados por Nataly Carneval, Amanda Ferreira, Iara Melo, Hermes Winícius (Greg), Jeydson Silva (Chris) e etc... E a minha atlética Lide com a Derrota, que proporcionaram os melhores jogos da minha vida, minhas parceiras Ana Maria Xavier, Pei Fon, Julita Bittencourt, Thayná Martiliano, Juliana Amaral, Lane, Bellinha, etc... Aos meus professores e minha orientadora, Raquel do

Monte, minha eterna gratidão. Meus agradecimentos a Ana Cristina Sampaio, jornalista, supervisora de estágio e amiga, parte importante do meu desenvolvimento como profissional, também me auxiliou na revisão deste trabalho.

Agradeço imensamente ao Centro Beneficente São Francisco de Assis, a toda irmandade, a nossa União, o nosso trabalho interno e externo, aos Mestres e Mestras que vi se formarem, com cada um venho aprendendo um tanto. Gratidão ao Mestre Irineu, ao Mestre Anthony e à Mestra Márcia, por abrirem as portas de sua casa e seus corações. Obrigada a Ayahuasca, que ilumina meu pensamento e minha vida.

Por fim, gratidão a mim mesma! Guerreira forte do Batalhão da Rainha da Floresta. Dentro deste caminho eu já tropiquei, já caí, já fui virada do avesso, acarinhada, muito bem cuidada, mas nunca corri. Jamais correrei do meu caminho e indico a todos que comungam desta luz e passam por processos difíceis de cura, confiem, que tem fundamento.

“Minha mãe minha rainha
Foi ela que me entregou
Para mim ser jardineiro
No jardim de belas flores

No jardim de belas flores
Tem tudo que procurar
Tem primor e tem beleza
Tem tudo que deus me dá

Todo mundo recebe
As flores que vêm de lá
Mas ninguém presta atenção
Ninguém sabe aproveitar

Para zelar este jardim
Precisa muita atenção
Que as flores são muito fina(s)
E não podem cair no chão

O jardim de belas flores
Precisa sempre aguar
Com as prece(s) e os carinhos
Ao nosso pai universal” -
Mestre Irineu

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo criar um registro fotográfico da experiência de pessoas que comungam a Ayahuasca em Maceió, desmistificando a bebida e abordando seu cenário histórico e religioso no Brasil. Composto por 23 fotos, retratadas por meio de dispositivos móveis, este trabalho demonstra o Feitio do Centro Beneficente São Francisco de Assis, igreja oasqueira localizada na capital alagoana. Diferente de tantos outros Centros de Ayahuasca, oportuniza mulheres a subirem na Fornalha para preparar o Daime e ascender a Mestras Ayahuasqueiras.

Palavras-chave: Ayahuasca, Amazônia, Doutrinas, Sagrado Feminino, Fotografia.

ABSTRACT

This essay aims to create a photographic record of the experience of people who partake of Ayahuasca in Maceió, demystifying the drink and addressing its historical and religious setting in Brazil. Composed of 23 photos, portrayed through mobile devices, this work portrays the Feitio of Centro Beneficente São Francisco de Assis, an oak church located in the capital of Alagoas. Unlike so many other Ayahuasca Centers, it offers women the opportunity to climb the Fornalha to prepare the Daime and become Ayahuasca Masters.

Keywords: Ayahuasca, Amazon, Doctrines, Sacred Feminine, Photography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mestres fundadores do CBSFA.....	20
Figura 2: Mestre Kayo preparando o solo.....	30
Figura 3: Irmandade colhendo as chacronas.....	31
Figura 4: Colheita em primeira pessoa.....	32
Figura 5: Mestras colhendo as rainhas.....	33
Figura 6: Mestre Anthony colhendo o mariri.....	34
Figura 7: Jagube preparado para maceração.....	34
Figura 8: Mestre Kayo colhendo os ramos do mariri.....	35
Figura 9: Separação dos ramos do mariri.....	36
Figura 10: Maceração do cipó.....	36
Figura 11: Mestres na fomalha.....	37
Figura 12: Mestre Anthony no preparo do chá.....	38
Figura 13: Colheita do Vegetal.....	39
Figura 14: Mestre Marcela preparando o vegetal.....	40
Figura 15: Os três netos do Mestre Anthony na fomalha.....	41
Figura 16: Sessão de Abertura do Feitio.....	42
Figura 17: Consagração da Ayahuasca.....	43
Figura 18: Momento de concentração.....	44
Figura 19: Irmã Nayara em estado meditativo.....	45
Figura 20: Momento do hinário.....	46
Figura 21: Mestra Micaelly puxando o canto do hinário.....	47
Figura 22: Mestre Anthony na explanação final.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Problemas	8
1.2. Direitos	10
2. JUSTIFICATIVA	11
2.1. Desafios	12
3. OBJETIVOS	15
3. 1. Gerais	15
3.2. Específicos:	15
4. DESENVOLVIMENTO	15
4.1. Ayahuasca em Maceió	15
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
5.1. Santo Daime (Alto Santo)	20
5.2. União do Vegetal (UDV)	21
5.3. Barquinha	22
5.4. Santo Daime (Cefluris/Iceflu)	22
5.5. Centro de Cultura Cósmica Suprema Luz, Paz e Amor	24
5.6. Fotografia como fonte histórica	25
6. PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS	28
6.1. PRÉ-PRODUÇÃO	28
6.2. CAPTAÇÃO	41
6.3. PÓS-PRODUÇÃO	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

Ayahuasca é uma medicina utilizada na cultura indígena, mais especificamente da Amazônia, habitat natural para as plantas responsáveis pela união do vegetal, o mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a chacrona (*Psychotria viridis*). De acordo com estudiosos da bebida, ela já é utilizada há milênios pelos Incas, que realizaram o intercâmbio cultural com os povos originários da Amazônia brasileira, passando o conhecimento de seus mistérios e encantos.

Ao longo da região amazônica, a bebida é conhecida por mais de 40 nomes, sendo utilizada por mais de 70 grupos indígenas diferentes, espalhados por diversos países – Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Bolívia e Equador (LUNA, 1986) -, além de ser também consumida pela população nativa local. Apesar de ser amplamente conhecida na região, foi apenas a partir do final do século XIX e do início do século XX que a bebida começou a ser consumida nos centros urbanos (OLIVEIRA, 2010, p. 319).

É com esta troca de conhecimentos, que os rituais envolvendo a Ayahuasca chegaram aos centros urbanos através dos seringueiros, que trabalhavam na fronteira do Brasil e conheceram o chá por meio dos indígenas da região amazônica.

Para contar este capítulo da humanidade, é necessário relembrar o ciclo da borracha no Brasil, o qual fez milhares de nordestinos saírem da sua terra natal, em busca de trabalho e crescimento, na esperança de uma vida melhor. É neste período que algumas pessoas tiveram acesso a bebida, que segundo informações orais, só era conhecida por nobres e grandes sacerdotes da época. Porém, com o ciclo da borracha e o intercâmbio cultural e religioso, a Ayahuasca saiu da zona da floresta, e ganhou espaço nas cidades, por meio de dois seringueiros, que viriam a ser conhecidos como Mestre Irineu no Santo Daime e Mestre Gabriel na União do Vegetal (UDV). É através dos ensinamentos deles sobre a Ayahuasca e a ritualística para consagrá-la, que as várias doutrinas tomaram forma e se tornaram o que hoje são conhecidas.

1.2 Problemas

Os obstáculos enfrentados pelas pessoas que fazem o uso ritualístico do Santo Daime são, principalmente, o senso comum em torno do assunto, que gera um prejulgamento da sociedade e a luta pela legalidade do chá. Segundo explanações orais, no início da religião do Santo Daime com o Mestre Irineu, que incorporou a cultura negra e nordestina aos conhecimentos indígenas, houveram muitas perseguições e preconceitos. Irineu Serra e seus discípulos eram acusados de feitiçarias, principalmente por suas origens e a cor de suas peles.

Daí a importância da pluralidade de doutrinas, que permitem à Ayahuasca chegar a mais pessoas, de acordo com o que cada uma se sente mais à vontade e concorda. No entanto, apesar de sua longa história e tradição, ainda há muita desinformação e preconceito a respeito do tema. Atualmente se sabe de alguns benefícios para saúde física e mental, como por exemplo, o estímulo à formação de novos neurônios e outras células responsáveis pela nutrição e sustentação dos mesmos, de acordo com pesquisa realizada na Universidade Complutense de Madri, na Espanha, publicada na revista científica *Translational Psychiatry* e divulgada no site Viva Bem do UOL.

Mas essas informações dificilmente chegam a sociedade de massa, em rodas de amigos, encontros familiares, enfim, no dia a dia das pessoas, e o conhecimento benéfico da bebida acaba por ficar apenas no âmbito científico, farmacêutico e antropológico, seja através de estudos, artigos científicos, pesquisas, etc.

O termo “sociedade de massa”, vem ganhando espaço gradativamente, e tem como base uma organização específica e ainda recente, que de acordo com Lucas Oliveira Rodrigues:

Trata-se de sociedades em que a grande maioria da população encontra-se inserida em um processo de produção e consumo em larga escala de bens de consumo e serviços, além de estar em conformidade com determinado modelo de comportamento generalizado.

Portanto, em uma sociedade movida ao consumo desenfreado, em que se tem íntima relação com medicamentos tarja preta, analgésicos e antidepressivos em geral, torna-se imperioso o conhecimento das curas existentes no Brasil, através das plantas nativas que nascem no coração da floresta brasileira.

O consumismo em larga escala não ocorre apenas com coisas físicas como alimentos, medicamentos, vestuários e etc., mas sobretudo, o excesso de estímulo ao cérebro, com telas que mantém os seres humanos o tempo todo sobrecarregados de informações, por vezes, desnecessárias.

A Ayahuasca é usada pelos xamãs por ser uma bebida que em si mesma possui poderes curativos e por proporcionar, pelo relato das visões induzidas por ela, elementos narrativos que possibilitam ao xamã estabelecer um diálogo com o seu paciente, compreendendo as causas de suas doenças, que são muitas vezes atribuídas a desentendimentos e disfunções sociais (FRENOPOULO, 2005 apud OLIVEIRA, 2010, p. 321-322).

Quando a Ayahuasca sai do contexto apenas da floresta amazônica e passa a ser utilizada nas grandes cidades, o ritual precisou ser desenvolvido e readaptado para abarcar pessoas que não estão acostumadas a sentar na terra, meditar, contemplar e observar de forma simples, como ocorre nos rituais xamânicos indígenas. Para tanto, as doutrinas foram criadas e com o passar dos anos, ainda mais desenvolvidas, o que possibilitou diversas ramificações de cada uma delas.

Mas a mudança não ocorreu apenas na forma de consagrar a bebida e no ritual em si. De acordo com a pesquisadora Isabela Lara Oliveira (2010), desde a chegada da Ayahuasca nos centros urbanos do país, em 1930, até o presente momento, muita coisa mudou no entendimento coletivo de seus adeptos sobre o que se trata este chá.

Também, a compreensão que começa a se formar na atualidade, da bebida como patrimônio histórico e cultural imaterial, revela que esse processo de constituição de significados é contínuo e aponta para a necessidade de se fazer uma leitura sempre atualizada dos significados contidos em determinada religião e de percebê-la como fenômeno social, inserido em diferentes dimensões históricas e socioculturais. O significado da bebida, inicialmente associado à ideia de substância deletéria e de uso social, foi passando progressivamente a ser considerado salutar e sagrado, até adquirir a dimensão atual de patrimônio histórico e cultural latino-americano. (OLIVEIRA, 2010)

O crescimento das doutrinas e a compreensão da prática ritualística da consagração do chá de Ayahuasca trazem à tona a reflexão do papel dos comunicadores no Brasil, enquanto ferramentas de formação de opinião e fonte de informações para os cidadãos, que devem traduzir os estudos realizados, para que a população possa se inteirar mais a respeito de um tema extremamente brasileiro, que é a Ayahuasca.

1.2. Direitos

A Ayahuasca já faz parte da Amazônia há milhares de anos, com o conhecimento dos povos originários que já faziam o uso da bebida. Mas com o passar do tempo e sua chegada aos grandes centros urbanos, em 1930, houve a necessidade de haver uma regulamentação, tanto para salvaguardar seus adeptos, quanto aqueles que viriam a conhecer o vegetal.

A regulamentação é feita pelo setor executivo do Governo Federal e não pela legislação brasileira, que deve classificar as drogas por uma divisão do Ministério da Saúde, que era chamada de Divisão Nacional de Medicamentos (DIMED) e hoje conhecemos como Agência Nacional de Vigilância (ANVISA) (LABATE, FEENEY, 2012).

No Brasil, a primeira política importante relativa à ayahuasca foi gerada em 1985 pela DIMED, que classificou a B. caapi como uma substância proibida (Portaria, 1985). Um Grupo de Trabalho (GT) foi em seguida proposto pelo Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), predecessor do CONAD, para aprofundar o tema (Resolução, 1985). No ano seguinte, como recomendação do GT, a B. caapi foi temporariamente desclassificada (Resolução, 1986). Após encontros extensivos com as comunidades ayahuasqueiras brasileiras, o GT recomendou a suspensão definitiva da proibição da B. caapi e a autorização de seu “uso ritual e religioso” (Relatório Final, 1987). Essas recomendações foram aprovadas em uma reunião oficial do CONFEN (MacRae, 2008; Silva Sá, 2010). Significativamente, o GT nunca cogitou a exclusão do DMT, que permanece proibido no Brasil. (LABATE, FEENEY, 2012)

A autorização do uso ritual e religioso possibilitou que as doutrinas se desenvolvessem dentro da lei, e as resoluções seguiram até a mais recente, em 2010. De acordo com Labete e Feeney (2012), ela foi adotada como tentativa de estabelecer uma deontologia do uso da Ayahuasca: um conjunto de regras, normas e princípios éticos a serem seguidos, incluindo a proibição de distribuição comercial, uso terapêutico, turismo, publicidade e o consumo de Ayahuasca com drogas ilícitas.

O que permitiu plantar, tratar, colher e processar as “plantas professoras”, como são conhecidas a chacrona/rainha e o mariri/jagube, responsáveis pelo preparo do chá. Para tanto, é necessário que seu uso final seja restrito somente ao uso ritualístico e religioso.

Portanto, após longas discussões e ajustes, a cultura ayahuasqueira foi reconhecida e respeitada pelo Governo Federal, o qual a regulamentou. Hoje, as doutrinas seguem dentro da lei, acatando as regras acordadas, o que proporciona um ambiente seguro de consagração do vegetal para as pessoas da cidade.

2. JUSTIFICATIVA

A escolha de criar um acervo fotográfico da experiência mística de pessoas que comungam a Ayahuasca em Maceió se deu, principalmente, na intenção de expor historicamente esta cultura brasileira tão rica e, ainda sim, tão pouco conhecida. Além de cumprir o papel social de informar a população do que se trata esta religião.

Durante minha formação acadêmica, estive estudando também, desde 2019, no Centro Beneficente São Francisco de Assis. Reconheci a peculiaridade deste espaço, no qual pude ser eu mesma, com oportunidades de crescimento, da mesma forma que meus colegas do sexo masculino. Após percorrer tantas outras religiões, foi nesta doutrina que me encontrei. É devido

a toda minha experiência como mulher neste planeta, que logo percebi a importância de registrar a forma como nos relacionamos no CBSFA.

2.1 Desafios

Apesar do Brasil ser um país em que o Estado é considerado laico na teoria, ou seja, é neutro como um todo diante da religião, a prática funciona bem diferente. O preconceito com o desconhecido ainda é muito presente nos brasileiros, mesmo com o crescente no número de pessoas “sem religião” entre 2010 a 2022, de acordo com as pesquisas mais recentes do IBGE, as religiões de matrizes aborígenes e africanas ainda sofrem com o estereótipo que, por vezes, vem arraigado de racismo.

Sabe-se que a colonização no Brasil aconteceu principalmente através da imposição religiosa católica-cristã. Por conta do processo de colonização, a maior parte dos brasileiros declaram-se católicos e com isso as práticas ancestrais, como os rituais religiosos ligados à Ayahuasca, passaram a ser esquecidas e, sobretudo, criminalizadas. De acordo com o artigo de José Eustáquio Diniz Alves:

O primeiro censo demográfico ocorrido no Brasil foi realizado em 1872 (cinquenta anos após a Independência) e indicou que 99,7% da população de 9,9 milhões de habitantes eram católicas. Nota-se que a maioria dos escravos e dos indígenas foi classificada como católicos. Apenas 0,1% (cerca de 10 mil pessoas) foram registradas como evangélicas (especialmente migrantes europeus que vieram para o Brasil originários de países protestantes) (ALVES, 2022).

Consequentemente, o afastamento às próprias raízes logo tornou a população preconceituosa a tudo que foge da conjectura católica-cristã, principalmente com as práticas indígenas e de matriz africana, que também corroboram com o racismo estrutural brasileiro. Por isso é importante tornar as religiões ayahuasqueiras mais acessíveis ao público, já que se trata de um ritual religioso feito por/para brasileiros, sendo parte da herança cultural da nação.

O chá de Ayahuasca promove saúde, mas é necessário, primeiramente, buscar a prevenção antes da cura, ou seja, se preparar, se informar, se alimentar bem e então sim, concentrar-se na solução para a enfermidade. Pois apesar de seu poder resolutivo, o que a Ayahuasca proporciona não é uma solução para tudo a qualquer momento, como um passe de mágica. Principalmente, em um país que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), tem a maior prevalência de depressão da América Latina, sendo o segundo em todas as Américas.

Conforme pesquisa realizada pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus), o total de óbitos no Brasil por lesões autoprovocadas dobrou nos últimos 20 anos, passando de 7 mil para 14 mil. Demonstrando o aumento no número de brasileiros com transtornos mentais, “revela uma segunda pandemia vivida pela população”, segundo o Jornal da USP.

De fato, a informação que chega para a maioria das pessoas é através da mídia comum, da televisão, revistas, dos portais de notícias e programas de rádios, que transmitem fatalidades e as tornam algo comum para o inconsciente coletivo, daí a importância da prudência.

Em 2010 a Ayahuasca estava sendo falada no Brasil inteiro, mas não por seu uso ritualístico e seus benefícios, tão pouco por sua história. Foi neste ano que ocorreu o assassinato de um seguidor da doutrina do Santo Daime, Glauco Villas Boas e seu filho Raoni. O cartunista, Glauco, havia aberto as portas de sua casa e tornado-a uma igreja que fazia o uso ritualístico do Santo Daime, recebendo diversas pessoas aos fins de semana desde 1997, no Céu de Maria.

A tragédia ficou conhecida por todo país e a Ayahuasca ainda mais estigmatizada, sendo vista como uma droga, assim como seus usuários estereotipados como irresponsáveis em busca de diversão. É apenas através da informação que é possível combater o senso comum que gira em torno desta cultura ayahuasqueira extremamente brasileira, por meio da comunicação social. Apesar da luta contrária de outros meios de comunicação para manipular a população contra a bebida, de acordo com a pesquisa realizada pelo Léo Mackellene, sobre a mídia e o preconceito, ao analisar as revistas VEJA e Época, que trataram do caso em 2010:

Entender as estratégias de convencimento de que a revista Veja lança mão se faz extremamente necessário para entender sua lógica de manipulação da informação, dando-se conta, como diz a professora Viviane Resende, de como as “técnicas de natureza discursiva [...] dispensam o uso da força para ‘adestrar’ e ‘fabricar’ indivíduos ajustados às necessidades do poder” (RESENDE, 2006, p. 19); entender as estratégias de convencimento da revista Veja é crucial para revelar relações de dominação que se dão por intermédio dos textos (principalmente jornalísticos) a fim de superá-los, demonstrando quão manipulador se tornou o discurso midiático na contemporaneidade. (MACKELLENE, 2015, p. 361)

Considerada como um 4º poder diante da sociedade, a mídia tem formas de manipulação para fazer com que a população pense sobre determinado assunto de acordo com sua intenção. Segundo o pesquisador Mackellene, que destrinchou a reportagem das revistas:

A revista *Época* (22/03/2010) intitulou a matéria de “O doido, o daime & o crime” e, logo abaixo do título, desfere a pergunta: “Qual a relação entre o consumo religioso de ayahuasca e o comportamento psicótico do assassino do cartunista Glauco?”. A matéria constrói no título (quase como um cálculo matemático: o doido + daime = crime), uma sequência lógica que sugere certa narratividade, e que mescla narração e descrição, apresentando entrevistas com juristas e psiquiatras, além do depoimento dos familiares de Cadu, que apontam Glauco (a vítima) como o principal culpado pela tragédia. A revista tem o cuidado, entretanto, de, em determinado momento, mencionar que “morto, Glauco não pode responder a essas graves acusações”. (MACKELLENÉ, 2015, p. 360)

Além dos estereótipos criados e compartilhados por todo Brasil através destas revistas, os autores ainda compararam a Ayahuasca a outras drogas, que parafraseando Mackellene (2015), compreender estas estratégias usadas por meios de comunicação como as revistas citadas, é crucial para revelar relações de dominação que se dão por intermédio de textos, principalmente os jornalísticos, para que seja possível superá-los e perceber quão manipuladores tornaram-se os discursos midiáticos na contemporaneidade.

A ideia de mídia como o "quarto poder", segundo Auriney Uchôa, surgiu na Inglaterra no início do século XX, quando, na sede no parlamento inglês, foi criada uma galeria para receber os repórteres que acompanhavam as decisões dos representantes dos três poderes da época, o poder temporal, o poder espiritual e o poder dos comuns. Assim, a presença das pessoas que dariam publicidade àquelas decisões passou a ser conhecida como "quarto poder". A expressão popularizou-se nas democracias ocidentais até ficar relacionada com os conhecidos poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. (MARCHI, 2021)

Recentemente, em 2022, mais um outro caso aconteceu durante uma sessão no Distrito Federal, em que o jovem Micael Amorim Macedo, teve um surto psicótico e os responsáveis pelo Centro, segundo sua companheira, Jaynah Christine, aplicaram a medicina do rapé (utilizado através das vias respiratórias) para conter a situação, mas não funcionou. Micael desmaiou e a suspeita é que após o ato, o rapaz tenha sofrido uma parada respiratória e não resistiu.

Em ambos os casos, o que chama a atenção são as condições em que os rapazes, Carlos Eduardo e Micael Amorim, estavam antes de consumir a Ayahuasca e como eles foram instruídos acerca do tema. Mas não foi esta a forma que a mídia retratou os casos, principalmente em 2010, onde a culpa foi direcionada para o Chá e as próprias vítimas.

Portanto, é primordial para quem vai conhecer a Ayahuasca passar por um processo de entrevistas com os membros oficiais do local, bem como informar qualquer tipo de experiência semelhante que se tenha passado e, principalmente, se faz uso de medicamentos, ou foi diagnosticado com algum problema mental. Com tudo conversado e uma preparação realizada por ambas as partes, é possível se ter um aproveitamento melhor da experiência.

3. OBJETIVOS

3. 1. GERAIS:

Criar uma memória e visualidade da experiência mística de pessoas que usam a Ayahuasca em Maceió, por meio de um Ensaio Fotográfico, captando o registro imagético desta tradição.

3. 2. ESPECÍFICOS:

- Realizar um registro fotográfico sobre a experiência de pessoas que usam Ayahuasca em Maceió, para a criação de uma memória da cultura oasqueira;
- Fazer pesquisas bibliográficas a respeito do tema no Brasil e em Maceió;
- Colher informações de como a Ayahuasca chegou ao meio urbano e a Maceió;
- Entrevistar adeptos novos e antigos da religião, para reunir informações de suas próprias experiências e história não documentada.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. Ayahuasca em Maceió

Um dos primeiros centros ayahuasqueiros a se formar em Alagoas foi inaugurado em 1993 e intitulado de Núcleo Princesa Mariana, uma ramificação do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV). É localizado na cidade de Marechal Deodoro da Fonseca, ao lado de Maceió. Ao passar dos anos, a igreja se desenvolveu, abrindo espaço para mais um núcleo que dessa vez, foi criado em 2007, a primeira igreja oasqueira que se tem registro em Maceió, chamada Flor de Maria.

A UDV é uma doutrina reencarnacionista e tem como principal método de ensino a concentração. É através dela que a pessoa ao comungar o vegetal chega a um estado mental chamado *burracheira*, a qual os daimistas conhecem pelo nome de *força*. Após a consagração

do chá, as pessoas retornam ao seus lugares e meditam nos ensinamentos passados de forma oral, orientando a evolução espiritual dos discípulos durante a sessão.

Para orientar a caminhada espiritual, o conjunto doutrinário da UDV é formado por ensinamentos, chamados (cânticos), histórias e explicações, ligadas a Jesus e a outros reconhecidos pelo Mestre Gabriel como destacamentos de Deus, que vieram ao mundo em cumprimento de missão, como por exemplo os personagens bíblicos Adão, Jó, Noé, Santa Ana, João Batista, Cosme e Damião. Também possui histórias como a História da Hoasca e outras que mencionam as entidades Iansã e Janaína, por exemplo.

Ainda segundo o site da UDV, durante as sessões, a partir das perguntas dos discípulos, os mestres trazem os ensinamentos, as palavras e os exemplos de Jesus na forma simples como foram explicados por Mestre Gabriel. São dadas orientações que conduzem o associado ao aprimoramento das suas virtudes morais e intelectuais.

Esta doutrina se firmou em base sólida e até hoje segue expandindo, com o maior número de associados registrados, funcionando de forma hierárquica, com o Mestre Geral Representante e seus seis mestres assistentes, além dos conselheiros e os discípulos.

No entanto, não se tem nenhum registro sobre uma mulher ter se tornado Mestra na UDV, além da Mestre Pequenina, Raimunda Ferreira da Costa, esposa de Mestre Gabriel e pilar essencial para esta doutrina. Apesar do exemplo de Mestre Pequenina, as mulheres são limitadas apenas aos cargos de conselheiras, mesmo possuindo um papel fundamental, ele é restrito. Enquanto os homens, podem ascender ao cargo de mestres.

Com o passar do tempo, as doutrinas foram expandindo por toda Alagoas e principalmente, em Maceió, que logo mais receberia mais algumas igrejas que viriam atingir um público diferente dos associados da União do Vegetal.

Em 2001, surge o Núcleo Céu das Águas na capital alagoana, que segue a Linha do Santo Daime - ICEFLU, em Riacho Doce, onde a forma ritualística é bem diferente da UDV. Segundo informações orais do atual dirigente do Céu das Águas, uma mulher chamada Tacita, discípula do Padrinho Sebastião, embarca do Céu do Mapiá com uma garrafa de Daime até Maceió, para expandir a doutrina e firmar um ponto de luz desta linha oasqueira na cidade. Foi ela quem deu o nome à igreja de Céu das Águas (CDA), que em 2005 já estava com um grupo firmado e fizeram a aquisição do terreno onde é até hoje a sede do CDA.

No Céu das Águas o ritual é dirigido em sua maior parte também pela palavra, porém com o ritmo e a melodia dos hinários. As sessões são, em sua maioria, cantadas e bailadas por

todos que desejam participar. Quando há o momento de concentração, no dia 30 de todo mês, as pessoas comungam o Daime e ficam cerca de uma hora meditando, num silêncio profundo com as luzes elétricas apagadas. Após o período, é o momento do bailado, onde todos são convidados a levantar e acompanhar o hinário com dois passos para um lado e pro outro.

Os fardados da casa marcam o ritmo com o maracá em sintonia com o bailado e o canto, além dos músicos da igreja com seus respectivos instrumentos que fazem a harmonização. Os hinários são cânticos “recebidos” pelos adeptos e trazem ensinamentos de Jesus Cristo e outros seres divinos como a Virgem Maria, o Patriarca São José, etc.. O hinário base da doutrina é o Santo Cruzeiro, que foi recebido pelo Mestre Irineu durante toda a sua vida, totalizando mais de 129 hinos que falam do mundo espiritual e instrui os discípulos para a vida. Além do hinário do precursor do Santo Daime, ainda há os dos seus companheiros da época, que foram Germano Guilherme, Antônio Gomes, João Pereira e Maria Marques Vieira. Com o decorrer do tempo, outros seguidores foram recebendo novos hinos e hoje em dia, há um rico acervo para aprender, bailar e cantar.

Na escola espiritual do Céu das Águas já é possível notar uma mudança significativa no papel da mulher diante do serviço. Nesta doutrina, o único mestre é o Mestre Irineu, portanto, os fardados só recebem o nome de padrinho/madrinha, quando escolhidos por seus afilhados. É compreendido que os rituais geralmente separam homens e mulheres por uma questão energética. No entanto, por muito tempo isto foi usado como desculpas para, assim como na sociedade como um todo, segregar a mulher num papel na cozinha ou na limpeza das dependências. Portanto, as mulheres eram limitadas a tarefas prescritas que não envolviam fazer o chá de Ayahuasca, macerar o jagube e muito menos chegar perto da fôrnalha (local onde é feito o preparo do daime).

No entanto, muita coisa tem evoluído no Céu das Águas em relação a esta questão. Apesar da preferência de conservar a energia masculina e feminina em um só ponto, já foi possível em feitos anteriores, segundo o dirigente Clóvis Henrique, haver uma bateção de cipó com apenas mulheres, e mais recentemente, elas também foram assumindo papéis que anteriormente não era possível, trabalhando até mesmo na fôrnalha.

Enquanto na linha do Santo Daime ocorre bastante movimento com os cantos e bailado, na União do Vegetal o trabalho é de forma diferente. A Ayahuasca é a mesma, mas nesta igreja ela é conhecida como vegetal, e o ritual é focado na concentração, onde ao invés de hinos, são

entoadas as “Chamadas” de força (que são cânticos, ícaros, específicos de invocação de força e/ou de luz) e não há bailado.

O Santo Daime é composto pelo Núcleo Céu das Águas, em Maceió, contando com 16 fardados e o Núcleo Flor de Jasmin, localizado em Japaratinga, onde tem 5 fardados. O Essência Divina, que teve início em Alagoas em 2001, conta com mais de 20 fardados e três mestres. A UDV esta presente em Alagoas desde 1995, com o Núcleo Princesa Mariana, em Marechal Deodoro que conta hoje com 140 associados; e, em 2007 foi fundado o pré-núcleo Flor de Maria, que conta com 150 sócios. (MARTINS, 2011, p. 3. 4)

Já na igreja Essência Divina não há muitos registros atualmente. Sabe-se que na época de sua criação foi bastante frequentada até haver as dissidência de seus membros para outros centros oaskeiros. Ainda segundo pesquisas na internet, a linha de unificação do Centro de Cultura Cósmica está presente em Alagoas desde 2018, na cidade de Marechal Deodoro. Neste centro específico, as mulheres já têm a possibilidade de se tornarem Mestras Oaskeiras, mas ainda assim não podem pisar na fornalha para fazer o chá.

É intrigante pensar que uma religião tão diferente e moderna, que já sofre preconceito por fazer uso do enteógeno Ayahuasca possa repetir padrões de comportamentos tão antiquados em relação ao papel da mulher, congregando com outros cultos como o cristianismo, judaísmo, etc., que limitam o sagrado feminino a uma série de padrões.

Por exemplo, na igreja católica apenas os homens podem tornar-se líderes espirituais e ascender a padres, ou no judaísmo, que é semelhante para rabinos. Apesar da singularidade das doutrinas ayahuaskeiras, é possível notar a reprodução do machismo ainda presente em muitos centros.

Felizmente, é algo que através do tempo, do posicionamento das mulheres e da luta de outras está mudando aos poucos. Um exemplo vívido é o Centro Beneficente São Francisco de Assis, onde esta mudança já é uma realidade. Localizado no coração do restante de Mata Atlântica que existe na capital, esta igreja além de seguir a Linha do Mestre Irineu, também tem sua base fundamentada na “união das linhas” do Mestre Francisco, ou seja, a ritualística das sessões é composta tanto pela concentração, quanto pelo bailado, o mesmo acontece em relação às chamadas e hinários, com o tempo para cada um.

O CBSFA é uma igreja independente, fundada pelo Mestre Anthony Câmara e sua esposa Mestra Márcia Câmara, em 2012, não filiada a nenhuma outra matriz do Santo Daime, União do Vegetal ou Centro de Cultura Cósmica, comunga de alguns aspectos de todas elas.

Este centro tem como fundamento a caridade e, além das sessões com Ayahuasca, realiza trabalhos mensais voltado ao público em situação de vulnerabilidade social. A começar da fundadora, há um grande número de mestras oaskeiras e o papel da mulher é essencial, utilizado em todo seu potencial, seja na colheita, na limpeza, no preparo da Ayahuasca, na liderança de mutirões ou nos trabalhos de caridade, sessões, enfim, homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres.

Figura 1: Mestre Anthony e Mestra Márcia no trabalho de distribuição de sopa



Fonte: Letícia Ferreira (2023)

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1. Santo Daime (Alto Santo)

A primeira linha oasqueira a ser formada foi a doutrina do Santo Daime, que teve como precursor o senhor Raimundo Irineu Serra, um homem negro, com cerca de dois metros de altura, nordestino, saiu do Maranhão com destino ao Acre para compor o “exército da borracha” e trabalhar nos seringais da região. Em seguida ingressou na Guarda Territorial e na Comissão de Limites, sendo responsável por delimitar as fronteiras entre o Brasil, Peru e Bolívia, durante alguns anos. Ao retornar aos seringais, Mestre Irineu conheceu a sagrada bebida que mais tarde seria rebatizada por ele de Santo Daime, “Dai-me Força, Dai-me Amor”, como diz em um de seus hinos.

No entanto, assim como muitos que vão conhecer Ayahuasca, Mestre Irineu foi desinformado sobre o que realmente se tratava o chá. Porém, foi bebendo que ele viu, sentiu e pôde tirar as próprias conclusões, através dos ensinamentos que teve na força ¹. Por isso, torna-se importante ter acesso a informações confiáveis sobre o uso da bebida, para que haja o cuidado consigo mesmo e a confiança no processo ritualístico, que envolve as pessoas e o local onde ocorre a comunhão.

Ao mudar o nome da bebida para Santo Daime e estabelecer uma releitura do cristianismo, Irineu rompeu com a matriz aborígene do consumo do chá, implantando nova modalidade religiosa, adaptando-a a condição de época (início do século XX), onde são marcantes os processos urbanos desordenados, assim como a repressão e a depreciação das religiões espíritas populares em todo território nacional (GOULART, 2002; 2004 apud LIRA, 2021).

De acordo com a mitologia daimista, após as primeiras experiências, Mestre Irineu seguiu bebendo a Ayahuasca e a ele foi apresentada uma senhora, por meio de uma miração², que segundo informações orais, se identificou como Clara e, mais tarde, ele entenderia que se tratava da Rainha da Floresta, a Virgem da Conceição. Ela o questionou se ele estava vendo algum demônio, como tinham dito a ele que viam quando comungava da bebida. Prontamente ele respondeu: “não, senhora”. E Clara pergunta novamente “quem você acha que eu sou?”, e Irineu responde: “A senhora, para mim, é uma Deusa Universal!”

A partir daí, Irineu se comprometeu a fazer a dieta passada por Clara, seguindo suas instruções, para se preparar e tornar-se o Mestre Irineu, curador de pessoas e precursor da primeira religião/doutrina brasileira da Ayahuasca.

Ele fundou a doutrina em 1930 e “cristianizou as tradições caboclas e xamânicas da bebida”, segundo a pesquisadora Jéssica Greganich (2010).

5.2. União do Vegetal (UDV)

Diferente de Mestre Irineu que recebeu as instruções na força da bebida, missão direta da Rainha da Floresta de como prosseguir e fundar a doutrina, Mestre Gabriel, ao consagrar a Ayahuasca, teve acesso as suas encarnações passadas e se recordou do que viera fazer na Terra e da sua missão com a União do Vegetal (UDV).

Também à procura de trabalho, José Gabriel da Costa, nordestino, nasceu na Bahia e, em 1944, de acordo com Jéssica Greganich (2010), ingressou no “exército da borracha”, passando a viver em Rondônia onde tornou-se seringueiro, porém demorou um tempo até conhecer a Ayahuasca.

Apesar disso, seus biógrafos contam que Mestre Gabriel já participava de ritos ligados à espiritualidade, através de religiões de matrizes africanas na Bahia e, que ele continuou seus trabalhos mesmo na região norte, onde atendia as pessoas sob o auxílio do Sultão das Matas.

Ao frequentar, em Porto Velho, o Terreiro da Mãe de Santo Chica Macaxeira - uma Casa de Mina Jeje - Gabriel continuou com o Sultão a ministrar remédios e passes, sendo promovido à função de Ogã. Todavia, precisou retornar aos seringais em decorrência de perseguições políticas. No seringal Orion fundou um terreiro, onde passou a realizar - junto ao Sultão das Matas - ritos de cura semelhantes aos das pajelanças (RICCIARDI, 2008 apud LIRA, 2021).

Depois de muitas idas e vindas pela região, em 1959, quando residia às margens do Rio Abunã, entre o Acre e a Bolívia, ele teve o primeiro contato com o vegetal, nome dado pelo mesmo à Ayahuasca, que na época já era conhecida por daime, cipó, hoasca, yajé, entre outros.

Já em 1961, ele fundou o Centro Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) e após um encontro com seus 12 mestres, no ano seguinte, Mestre Gabriel anunciou o afastamento das práticas de matrizes africanas, vegetalistas e indigenistas, tornando inadmissível a incorporação nas sessões com o vegetal. Ele percebeu que o Sultão das Matas era, na verdade, ele mesmo, não existindo entidade alguma. Segundo Mestre Gabriel, a bebida proporciona, de acordo com o merecimento de cada um, um êxtase extracorporal chamado Burracheira, que deve ser o foco e o objetivo do trabalho (LIRA, 2016). Portanto, fica estabelecido que práticas de incorporação não são permitidas dentro da Sessão da UDV.

“Em 1964, Mestre Gabriel e sua família mudaram-se para a cidade de Porto Velho - RO, dando início ao processo de institucionalização da união do vegetal”, conforme pesquisa realizada por Jéssica Greganich (2010).

Assim, Mestre Irineu e Mestre Gabriel estruturam as duas doutrinas que são a base ritualística do uso da Hoasca no Brasil e no mundo, dentro dos centros urbanos.

5.3. Barquinha

Foi através de Mestre Irineu que Daniel Pereira de Mattos, nascido em Manaus, conheceu o Daime. Após servir a Marinha do Brasil e se aposentar, voltou à Rio Branco em 1907 e teve problemas de saúde devido ao consumo excessivo de bebida alcoólica, que comprometeu seu fígado. Por meio de seu serviço como barbeiro, conheceu Irineu, que o convidou para tratar do alcoolismo com o Santo Daime. Assim, Daniel participou da sessão e comungou da Ayahuasca pelas mãos do Mestre Irineu, e após alcançar sua cura, recebeu uma revelação de fundar, em 1945, uma nova linha que mais tarde seria conhecida como “Barquinha”, autorizada e instruída por Irineu Serra, tornou-se o “Centro Espírita e Culto de Oração da Casa de Jesus Fonte de Luz”.

Após 13 anos servindo a missão, Frei Daniel, como ficou conhecido, faleceu e já havia escolhido Antônio Geraldo como seu sucessor, que incorporou novos elementos à doutrina, como fardamentos que remetem às fardas da Marinha e as danças do Bailado.

Foi o Mestre Antônio Geraldo, inclusive, quem denominou a doutrina de Barquinha, quando foi acometido por uma “miração” que o fez vislumbrar um barco iluminado a navegar no mar sagrado, segundo Wagner Lins Lira (2021).

5.4. Santo Daime (Cefluris/Iceflu)

Esta doutrina está também inteiramente ligada ao Mestre Irineu e sua ritualística, já que Irineu foi padrinho de Sebastião e apresentou a Ayahuasca diretamente a ele. Sebastião Mota de Melo já nasceu em um seringal, situado na região do Juruá (AM) e, desde novo, sempre teve forte ligação com a espiritualidade, por isso, logo se percebeu um médium espírita, e mais velho fazia trabalhos de mesa branca.

Após percorrer diversas casas de cura por causa de uma doença no esôfago, Sebastião chegou no Alto Santo, em 1965, para se tratar com o Daime, na linha do Mestre Irineu. Quando consagrou o Daime, ele descreveu uma miração na qual foi realizada uma cirurgia espiritual que o curou da doença (ALVES JÚNIOR, 2007 apud LIRA, 2021).

Padrinho Sebastião, como ficou conhecido por seus discípulos, desde então esteve presente nos trabalhos e se aproximou cada vez mais do Mestre Irineu. Com a confiança firmada entre ambos, Mestre Irineu fez um pacto e autorizou que Padrinho Sebastião produzisse Ayahuasca em sua propriedade, desde que metade do apurado fosse entregue na casa do Mestre (Wagner Lins Lira, 2021).

Após o falecimento do Mestre Irineu, em 1973, anos mais tarde, o pacto foi rompido por Padrinho Sebastião, devido a discordâncias entre Sebastião e Leôncio Gomes, que havia ficado responsável pelos trabalhos do Alto Santo, após a partida do Mestre. Então, o Padrinho Sebastião “tomou seu rumo”, e com ele levou cerca de 100 irmãos fardados do Alto Santo para a Colônia Cinco Mil, onde passou a ministrar sessões com seus companheiros.

Até chegar ao que hoje é conhecido como Céu do Mapiá, matriz do Iceflu (Igreja do Culto Eclético Fluente Luz Universal Patrono Sebastião Mota de Melo), foram muitos percalços e ajustes. Conta-se que o Padrinho Sebastião recebeu revelações acerca de seu culto ser influenciado por pessoas que viriam de fora, e assim foi. Nesta época houveram intercâmbios culturais entre os conhecidos como “undergrounds” da contracultura, os “hippies” da época, que o iriam ajudar a expandir a doutrina. Foi através do tempo em que eles se hospedaram com o Padrinho Sebastião, que ele conheceu a cannabis sativa, após receber a intuição da Ayahuasca, de que uma erva viria a auxiliar nos trabalhos com o Daime. Assim, ela ficou conhecida como Santa Maria, tida e respeitada como uma planta de poder e cura, usada em momentos ritualísticos.

O Padrinho trouxe para o Iceflu uma nova leitura do espiritismo kardecista, enfatizando tal filosofia no estabelecimento da doutrina. Para os seguidores, essa releitura do espiritismo inaugura a segunda fase de acoplamento dos elementos kardecistas ao universo daimista, sendo a primeira fase identificada pelas reinterpretações do Mestre Irineu ao fundar o Alto Santo. Nesta dissidência daimista, as tônicas da caridade e da mediunidade foram incorporadas à doutrina do Padrinho, que trabalhava atuado por entidades. (LIRA, 2021).

O intercâmbio religioso com um homem tido como feiticeiro, conhecido como Ceará, e a aceitação da incorporação nos trabalhos para doutrinar os espíritos, permitiu ao Iceflu dialogar com a Umbanda, além do xamanismo e criatianismo contidos nas outras linhas.

Sebastião e seguidores mudaram-se para o Mapiá em janeiro de 1983, local onde continuaram os Trabalhos de cura por desobsessão e doutrinação de Exus. Aqui, o Padrinho incorporava, não mais entidades, mas sentimentos que conturbavam o convívio coletivo, buscando reforçar a reciprocidade e a união por meio de prelações, performances e atuações. (LIRA, 2021).

Em 1990, após o desencarne do Padrinho Sebastião, seu filho Alfredo de Melo assume a presidência do Iceflu e suspende durante dois anos, as sessões mediúnicas, por receio dos próprios daimistas sobre a indisciplina que poderia vigorar, já que o preceito de consagrar o chá de Ayahuasca é trabalhar a si mesmo, com o auxílio dos hinários. Mas a médium Maria Alice e outras mulheres do Mapiá continuaram o trabalho que permanece até hoje com o viés umbandista.

5.5. Centro de Cultura Cósmica Suprema Luz, Paz e Amor

O CCC - Centro de Cultura Cósmica é uma das mais recentes linhas e surge com uma peculiaridade interessante dentro das doutrinas ayahuasqueiras. Seu fundador, Francisco Souza de Almeida, nasceu no Acre, berço da cultura daimista, bem próximo a região dos grandes intercâmbios culturais entre os nativos da floresta e o povo da cidade, que levou Ayahuasca para os grandes centros urbanos.

Até o presente momento, não há registros acerca da data que o Mestre Francisco, como ficou conhecido o fundador do CCC, comungou o vegetal pela primeira vez, nem por meio do que/quem isto ocorreu. Mas sabe-se que, segundo a família de Mestre Francisco e a pesquisa realizada por Beatriz Labate (2007), ele havia convivido na linha do Santo Daime com o Mestre Irineu, Padrinho Sebastião e o Mestre Antônio Geraldo durante 11 anos, tomando Ayahuasca e trabalhando em união em prol da humanidade.

Portanto, Mestre Francisco pôde aprender em cada canto que passou, com os respectivos fundadores das principais linhas ayahuasqueiras do Santo Daime, da vertente daimista do Iceflu e da Barquinha, grupos cuja principal característica ritualística são o canto e o bailado.

Além de beber desta cultura ancestral musicalizada da linha do Mestre Irineu, Francisco de Almeida se filiou a uma vertente ligada diretamente ao Mestre Gabriel (fundador do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal), durante cerca de três anos. Este centro era comandado

pelo Mestre Augusto Jerônimo da Silva (conhecido como Augusto Queixada), que se separou da UDV após o falecimento do Mestre José Gabriel da Costa (Beatriz Labate, 2007).

Segundo relatos da família, o fundador do CCC se associou apenas ao centro do Mestre Augusto, chegando a se tornar mestre representante de um grupo em Rio Branco (AC).

Por ter convivido diretamente com os fundadores das principais linhas da Ayahuasca, a escola espiritual de Mestre Francisco é denominada por seus discípulos como um “trabalho de unificação”, pois une aspectos da doutrina do Santo Daime com a da União do Vegetal em uma só sessão (Beatriz Labate, 2007).

Francisco Souza de Almeida fundou o Centro de Cultura Cósmica no ano de 1990, em Cuiabá (MT), transferindo-se mais tarde para Gama (DF), em 1996, onde hoje é a atual Sede Geral da linha de unificação.

5.6. Fotografia como fonte histórica

A arte em forma de imagem está presente na sociedade desde o início dos tempos através de figuras, sinais e símbolos abstratos. Sabe-se, historicamente, que para retratar seu dia a dia, os povos ancestrais desenhavam nas paredes das cavernas, em tumbas que hoje nos permitem ter uma ideia do que eles faziam durante seu tempo, que animal caçava, etc., afinal, a imagem aproxima o observador do observado.

A fotografia, de acordo com a escritora Ana Farache, “É uma memória que exercita uma atividade desinteressada e que não se constitui pelo hábito da repetição e sim a que se estabelece pelo significado especial de momentos vividos.”

Portanto, ela dá a possibilidade de salvar um momento em uma foto, e assim torná-lo algo histórico que ficará eternamente documentado para os que virão depois. É pensando nisso que este trabalho foi desenvolvido, com a intenção de resgatar a simplicidade das doutrinas oaskeiras e registrar historicamente esta cultura, apontando uma tradição oral que, apesar de ainda não ser tão conhecida para além das questões científicas, vem sendo praticada desde o final do século passado na Amazônia.

A dimensão imagética capturada neste ensaio permite aos leitores se aproximarem da forma ritualística que existe em torno da Ayahuasca, através de capturas de um momento sagrado e histórico para os adeptos desta cultura, que é o período de Feitio, quando é feito o

Daime. Porém, vale ressaltar que devido ao transe e sensibilidade das pessoas ao fazerem o uso da Ayahuasca, foi necessário manter uma distância confortável para todos.

A fotografia recorta momentos e espaços precisos. Não mostra o antes nem o depois, ainda que, muitas vezes, remeta ao passado ou lance para o futuro. Congela um tempo que, com o passar do tempo, retorna apenas nos sonhos, imaginação e memória. (FARACHE, 2008, p. 15)

Esta necessidade humana de guardar e recordar momentos precisos fez com que este meio de comunicação fosse criado e desenvolvido como uma grande fonte histórica. Hoje em dia, a fotografia já está tão presente na sociedade, que as redes sociais foram criadas com base nelas, esta retratação imagética é tida, segundo Márcio Sônego, como uma janela para o passado.

Assim, se a fotografia foi e ainda é utilizada como janela para o passado, fornecendo dados que os documentos textuais não registraram, por outro lado a compreensão da fotografia como uma forma de representação abriu inúmeras possibilidades de análise de problemas históricos associados à construção da imagem. (SÔNEGO, 2010, p. 114)

A cultura oasqueira e suas doutrinas são fontes riquíssimas da história do Brasil e, em Maceió não é diferente. Sabe-se que na região metropolitana existem, pelo menos, seis centros que fazem o uso ritualístico da bebida e foram comentados aqui. Em suas diversas diferenças encontram em comum entre si a tradição e o respeito com as plantas, as pessoas e os animais. Cada uma com sua peculiaridade e personalidade de seu fundador.

Vale ressaltar que, nativos da Amazônia, a chacrona e o mariri que são responsáveis pela Ayahuasca, não nascem na Mata Atlântica, então para que uma Igreja possa se tornar realmente independente em seu Feitio, em Maceió, é necessário todo um cuidado especial com o solo, com as mudas, o plantio, a rega, adubação, etc., para então começar o preparo da bebida, de fato.

Como mencionado anteriormente, o Centro Beneficente São Francisco de Assis, localizado no bairro da Serraria, foi escolhido para os registros fotográficos deste trabalho. Através deste ponto, é possível observar tanto as práticas do canto dos hinários advindas do Alto Santo/Santo Daime, quanto a da concentração da união do vegetal.

Portanto, as fotos serão capturadas como um registro histórico de um Feitio Oaskeiro, onde será possível acompanhar do início ao fim, desde a preparação das plantas para serem colhidas, o processo de colheita, maceração, até a chegada da panela na fôrnelha, local onde é

feito o vegetal. Ademais, contará com o retrato do ritual em si, durante a Sessão de Abertura do Feitio.

6. PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS

Para se chegar até a escrita final do texto foi necessário um estudo aprofundado sobre a Ayahuasca, apuração de informações em sites das doutrinas, arquivos, análises bibliográficas e até mesmo em documentários, que já ocorrem há alguns anos, mas especificamente no início de 2023. Separar o passo a passo estratégico, já no início da escrita, possibilitou um processo tranquilo e consciente. Entender a história das doutrinas oaskeiras, advindas da Amazônia para o Brasil inteiro, foi o primeiro passo para evidenciar a importância religiosa e ancestral brasileira do Daime.

Com o conhecimento do assunto em mãos, a observação foi essencial para sanar o desafio que é captar a experiência mística do processo ritualístico. Para tanto, desde de janeiro de 2024 foram realizadas visitas, com foco no TCC, para entender como seria possível retratar algo que, em sua maioria, só pode ser sentido. Daí, então, a importância da imagem, pois ela permite ao observador interpretar e sentir, através da sua própria vivência, o significado daquela foto.

Não existe uma única forma de “ler” uma imagem. Sua recepção é um processo idiossincrático, depende essencialmente do “saber do mundo” de cada pessoa, sempre individual e, portanto, distinto. Não existe nas imagens uma única forma de interpretação, uma única realidade expressa. Elas podem proporcionar múltiplas leituras. Isso vai depender de como os indivíduos e grupos sociais as utilizam dentro de uma determinada cultura. Da mesma forma que o texto verbal pode não expressar para todas as pessoas os mesmos sentidos, as imagens também não são reproduções absolutas e passivas da realidade. (CATANHO, 2007, p. 85).

Após observar o local, a negociação com o fundador Anthony Câmara, que é o líder religioso e mestre do Centro Beneficente São Francisco de Assis, foi o ponto de partida para o início das fotografias a partir do dia 07/02/2024, período que se iniciou o Feitio no CBSFA, aproveitando o feriado do Carnaval e concluído em 13/02/2024. Então foi realizado um cronograma de visita para dias de maior significância como a colheita das plantas e o preparo do chá.

Vale ressaltar que, como faço parte do quadro de sócios do Centro Beneficente São Francisco de Assis há cinco anos, tive esta oportunidade e a confiança para retratar um

momento que é tão mágico e esperado para aqueles que veem na Ayahuasca uma professora a guiar no caminho. Ao aproveitar o conhecimento de outros membros, grande parte da metodologia utilizada se deu através de entrevistas com seguidores das diversas doutrinas de Maceió.

Para a realização das fotografias foram utilizados três celulares distintos, na busca por uma melhor qualidade nas imagens. Registros estes que, há 20 anos atrás, não seriam possíveis através de telefones, mas apenas câmeras fotográficas.

6.1. PRÉ-PRODUÇÃO

Para entender melhor sobre as casas oaskeiras de Maceió dei início às investigações no dia 08 de setembro, com pesquisas na internet e arquivos de cada local, nesta oportunidade encontrei informações básicas como, por exemplo, quando foram fundadas e como funciona a ritualística dos espaços. Com o objetivo de me aprofundar ainda mais no assunto, busquei contato por e-mail com membros de outras instituições como a UDV e o CCC (que apesar de não estar localizado de fato na capital, está logo ao lado, ainda dentro da região metropolitana de Maceió), no entanto, não obtive respostas.

Desta forma, também tentei contatar o pessoal do Céus das Águas através do Instagram, e após alguns dias, fui respondida com o número de telefone do atual dirigente, Clóvis Henrique, que prontamente me respondeu no dia 04 de dezembro, comentando a trajetória do CDA. Muitas dúvidas a respeito do ritual, o papel atual de homens e mulheres, etc., foram respondidas e sanadas. Vale ressaltar que, nesta linha oaskeira, o mestre é apenas o Mestre Irineu, portanto, não existe a formação de mais mestres, e sim padrinhos e madrinhas.

A observação em si do local para as fotografias começou no dia 2 de dezembro, quando participei de uma sessão com uma ritualística que comunga com a linha de unificação do Centro de Cultura Cósmica, unindo o canto do hinário e o bailado do Mestre Irineu, às fortes chamadas e ensinamentos durante o momento de concentração do Mestre Gabriel. Mantive as observações aos sábados, dia em que ocorrem as cerimônias com o chá, e após este período passei a fotografar no dia 01 de fevereiro, momento em que a irmandade (nome dado aos associados e amigos do CBSFA) cuidava das plantas e das madeiras necessárias para o Feitio. Nesta ocasião, faziam a adubação e limpeza ao redor das chacronas, já que neste período de verão as plantas precisam de cuidado dobrado. Como mencionado anteriormente, as imagens foram retratadas a uma

distância que não interferisse no processo das pessoas, visto que, ao comungar do vegetal, elas se tornam bem mais sensíveis a todo tipo de aproximação.

Figura 2: Mestre Kayo roçando os matos que crescem ao redor da chacrona, preparando o espaço para adubação e colheita das rainhas



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Depois deste dia, só retornei para capturar as imagens no dia 07 de fevereiro, quando o Feitio já havia começado com a colheita das chacronas. É neste instante que todos os membros do Centro se reúnem e focam sua atenção nas folhas. Conhecidas pelos daimistas como rainha, são parte essencial da união do vegetal, é dela que vem o princípio ativo do DMT. Como se tratava de uma quarta-feira, o trabalho ocorreu na parte da noite, momento em que a maioria podia estar presente.

Figura 3. Feitio iniciado, irmandade unida na colheita da chacrona



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

É na Chacrona (*Psychotria viridis*) que está presente o princípio ativo N,N-dimetiltriptamina (DMT), derivado triptamínico muito semelhante a serotonina (5HT). Portanto, para que seja aproveitado o sumo de cada folha, ao manuseá-la, ainda que no escuro, é necessário todo cuidado para colhê-la e tirar seus talos, sem machucar a folha.

A DMT é uma substância presente em raízes, caules e folhas de diversas plantas. Também está presente em tecidos de mamíferos, animais marinhos e anfíbios. Em humanos, está no sangue, urina e no fluido cérebro-espinhal, ou seja, é uma substância endógena(13). Apesar de ser psicoativo altamente potente, quando a DMT é ingerida isoladamente por via oral, mesmo em doses de até 1000 mg, não produz tais efeitos(9) [...] (Rafael Guimarães, 2007, p. 4)

Após a missão de colheita ser concluída meia noite daquele dia, no dia anterior, 08 de fevereiro, ela recomeçou novamente e desta vez pude fazer os registros ainda na iluminação do dia, o que beneficiou ainda mais a qualidade da imagem.

Figura 4. Segundo dia de Feitio, mãos à obra, a colheita continua. Desta vez, sob minha perspectiva



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

A fotografia acima teve o objetivo de retratar a visão em primeira pessoa de como é participar desta parte do Feitio, sempre bem protegida dos mosquitos que há na mata, e todo o cuidado e carinho ao pegar uma folha desta planta professora, bem como se pega uma rosa. Este ângulo, que é tão pouco explorado, veio bem a calhar, com a possibilidade de expressar um pouco do que foi sentido na colheita, através da imagem. Como dialoga o autor Márcio Sônego (2010), com a autora Miriam Moreira Leite (2001), sobre a presença da fotografia nos trabalhos científicos:

A fotografia revelaria indícios que permitiriam ao observador chegar a outros níveis de realidade, como: sentimentos, padrões de comportamento e normas sociais. Ainda segundo a autora, não se procura na fotografia apenas o que comprove as análises históricas verbalizadas, mas sim informações, dimensões e relações que as verbalizações não têm condições de proporcionar. Também para isso, o método comparativo fundamenta o trabalho com as imagens. Procura-se comparar imagens do mesmo foco em diferentes momentos ou versões/ângulos contraditórios de uma cena ou de um grupo de pessoas. (LEITE, 2001 apud SÔNEGO, 2010, p. 117)

Figura 5. O mesmo instante de colheita, sob uma outra perspectiva. Mestras e irmãos do Centro colhendo e tirando os talos das chacronas



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Então a partir do dia 09 de fevereiro, outro pilar importante para a realização do Feitio foi realizado: a colheita do mariri, que diferente da chacrona, não requer várias pessoas em uma só planta, mas sim apenas um na disposição de subir no mais alto das árvores, onde o jagube cresce e se enrola entre os galhos.

Esta foi a primeira vez que participei de perto da colheita do mariri. A sensação é de que aqueles que estão embaixo olhando o irmão que colhe devem estar concentrados na tarefa que ele executa, atentos a cada galho que ele manda lá de cima, silenciosamente focados no que já deu certo. A cada Feitio, para quem está atenta, é possível aprender algumas partes do trabalho, e todas elas são emocionantes com um grande significado.

Figura 6. Colheita do mariri



Figura 7. Mariri colhido



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

A Chacrona traz suas propriedades psicodélicas em si, mas jamais poderiam ser sentidas não fossem os princípios ativos do Mariri, pois ainda segundo Rafael Guimarães (2007), as beta-carbolinas presentes em espécies de *Banisteriopsis* Caapi possuem a capacidade de inibir reversivelmente a enzima monoamino oxidase (MAO).

A inibição da MAO possibilita a ação da DMT ingerida por via oral, pois permite sua chegada ao cérebro. Além disso, pode elevar os níveis de serotonina, noradrenalina e dopamina no cérebro. (Rafael Guimarães, 2007)

Figura 8. Continuação da colheita do mariri, Mestre Kayo sobe até o mais alto da árvore para colher todo o cipó que ramou através dos outros galhos



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Figura 9. Mestre Kayo e Mestra Rhuana, apartando os ramos do Mariri

Figura 10. Vinícius e Guilherme na maceração do Mariri



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Após a colheita, é hora de iniciar outro período do Feitio, a separação das ramas para possível plantio e a maceração do cipó, para sua entrada na panela juntamente com as folhas, que já estavam à disposição. A partir daí, a fornalha foi acesa, as panelas foram para o fogo e um novo trabalho começou, a atenção e a presença no momento precisa ser amplificada. Nesta a hora a força/burracheira já estava presente, condutora exímia do trabalho, ela nos permite fazer as coisas com mais esmero e atenção.

O meu foco aqui era aproveitar os momentos oportunos para retratar, enquanto ao mesmo tempo, estar atenta ao trabalho que eu havia de exercer como fardada do CBSFA. Observar o movimento nos últimos anos de Feitio foi essencial para entender os momentos exatos em que eu poderia ser a fotógrafa, e os que não cabia.

Figura 11. Mestre Anthony ao lado de suas pupilas Mestras Rhuana e Nicolý, observando as panelas no fogo



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Com uma temperatura que pode passar de tudo que já presenciamos, é preciso dar muito de si para trabalhar com as panelas no fogo. Desta vez, duas mestras da casa, Rhuana e Nicolý, receberam a oportunidade de estar ao lado do Mestre Anthony para trabalhar juntas e aprender como se chega ao chá de Ayahuasca. Algo raro na maioria das casas oaskeiras, é oportunizar mulheres a fazer este trabalho, mesmo com homens disponíveis. A questão é simples e não se trata de gênero, mas sim, quem está interessado em aprender.

Figura 12. Mestre Anthony na alquimia do Vinho das Almas



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Quando o mestre sinaliza que está no ponto correto para colher, os irmãos se reúnem e aqueles que estão nesta função se apresentam e juntos colhem tudo aquilo que pode ser resumido na própria Irmandade. Pois foi a junção de cada um, seja numa rega, um cuidado com as plantas, a colheita, todo e qualquer tipo de energia colocada por nós, materializou a Ayahuasca. E esta é a grande mística contida nestas doutrinas, que trabalham sempre pensando em “quem vem lá”, ou seja, para aqueles que recebem o chamado da Ayahuasca, como um dia recebemos.

Já que quem planta a primeira muda precisa esperar cerca de sete anos até sua colheita, também o preparo da Ayahuasca é feito para quem está e principalmente para quem virá.

Figura 13. Colheita do sumo das plantas professoras, que virá a ser o Daime do Mestre



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Esta cultura oasqueira é datada intrinsecamente na união das pessoas em prol a um só objetivo, que por vezes é passado de geração em geração, como é o caso do Mestre Anthony que ao conhecer a doutrina há 20 anos atrás, conta que foi aos poucos levando toda sua família para conhecer, filhos, esposa, mãe, irmãos, sobrinhos, etc...

A primeira pessoa que o Mestre contou que levou para conhecer a Ayahuasca, foi sua filha, Marcela Câmara, aos 7 anos, que foi a responsável por questionar ao pai, os padrões machistas arraigados dentro da sociedade, e principalmente nas Linhas Oaskeiras, que não é diferente.

Figura 14. Mestra Marcela no preparo da Ayahuasca



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Foi graças aos atos de rebeldia da Mestra Marcela diante da segregação das mulheres dentro das doutrinas, que a permitiu ser uma das primeiras a preparar Ayahuasca em Alagoas e abrir o caminho no CBSFA para outras interessadas neste assunto.

É em decorrência desta vivência e da esposa do mestre, Mestra Márcia que, o Centro Beneficente São Francisco de Assis possui uma presença feminina tão forte e leal ao trabalho, já que neste espaço todas têm a possibilidade de ascender ao grau de mestra, fazer o Daime, macerar o cipó, e não estão limitadas apenas aos cuidados dos homens, da limpeza e da cozinha.

Este é o grande diferencial do CBSFA, enquanto casa oasqueira de Alagoas e talvez até mesmo do Brasil. É devido a esta força consciente do Sagrado Feminino e respeito por esta polaridade, que eu decidi evidenciar este Centro historicamente através deste trabalho. A tradição é parte essencial da missão dos oaskeiros, mas jamais pode ser usada para segregar ou excluir ninguém, com o respaldo do machismo.

Figura 15. Os três netos do Mestre Anthony reunidos brincando de alquimia



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Para as crianças o trabalho torna-se algo lúdico, que ao ver os pais praticando, elas também se interessam e acabam aprendendo de forma leve e descontraída. Nas fotos acima, então presente os netos do Mestre Anthony, filhos do Mestre Abelardo, que assim como Marcela, também cresceu dentro da Doutrina, trabalhando e servindo, ao lado de seus pais.

6.2. CAPTAÇÃO

Optei por captar imagens durante o dia, aproveitando a iluminação do sol para garantir uma boa qualidade à fotografia, visto que não fiz uso de nenhuma luz artificial, com exceção das que já estão normalmente instaladas no ambiente. Fiquei responsável pelas fotos sozinha, portanto, não tive ninguém me acompanhando na captura de imagens, até por se tratar de um momento mais familiar. O formato das imagens foi, em sua maioria, na vertical, para permitir a visualização de baixo para cima, das pessoas em pé. Durante o período de Feitio, foi possível retratar, ao mesmo tempo, a sessão de abertura, a qual além dos sócios da casa e familiares, estavam presentes os visitantes que viriam a comungar Ayahuasca pela primeira vez.

Figura 16. Sessão de Abertura, momento de concentração em si mesmo



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Se tratando de uma foto em grupo, dei preferência neste caso, ao (formato 4:3), para que fosse possível retratar a tradição que existe no posicionamento de cada pessoa na sessão. Acima é possível observar que numa mesa de centro o/a dirigente da sessão está de frente para os demais, com auxílio de um notebook e o som, que embala o momento de concentração de todos. O polo feminino fica localizado à direita e o masculino à esquerda, seguindo a tradição do direcionamento das energias.

Figura 17. Consagração da Ayahuasca



Letícia Ferreira (2024)

Após a consagração da Ayahuasca, que ocorre geralmente de um por um, todos são convidados a voltar aos seus assentos, fechar os olhos e se concentrar única e exclusivamente em si mesmo.

Figura 18. Cada um fica à vontade em seu lugar, num estado de transe meditativo, após comungar o chá, em busca de si mesmo



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Então o transe se inicia, e toda a mística do trabalho gira em torno da compreensão de si mesmo, como parte e ao mesmo tempo, do universo inteiro. Requer estudo e autoconhecimento, trabalho interno da moral e uma autocrítica positiva que faz com que o crescimento interior aconteça, mas vale ressaltar que a experiência é individual, portanto, diferente para cada um. Através da Ayahuasca, é possível perceber dentro de si coisas que sem o auxílio dela, ou da meditação, ou dos ensinamentos, não seriam possíveis. É a junção de tudo isso

que faz com que as pessoas enxerguem coisas dentro de si mesmas que precisam ser curadas. Portanto, o chá ajuda a ver e a curar, mas o trabalho é realmente, da própria pessoa.

Para a captação das fotos foi usado, durante o período de colheita das chacronas, a princípio, o celular da marca Xiami 8, que tem uma câmera ótima para o dia, porém, limitada para a noite. A partir da Figura 5, da colheita do Mariri, bem como algumas fotos do Feitio e da sessão, utilizei um outro similar da marca, o Redmi Note 11.

Figura 19. Irmã Nayara imersa em si mesma



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

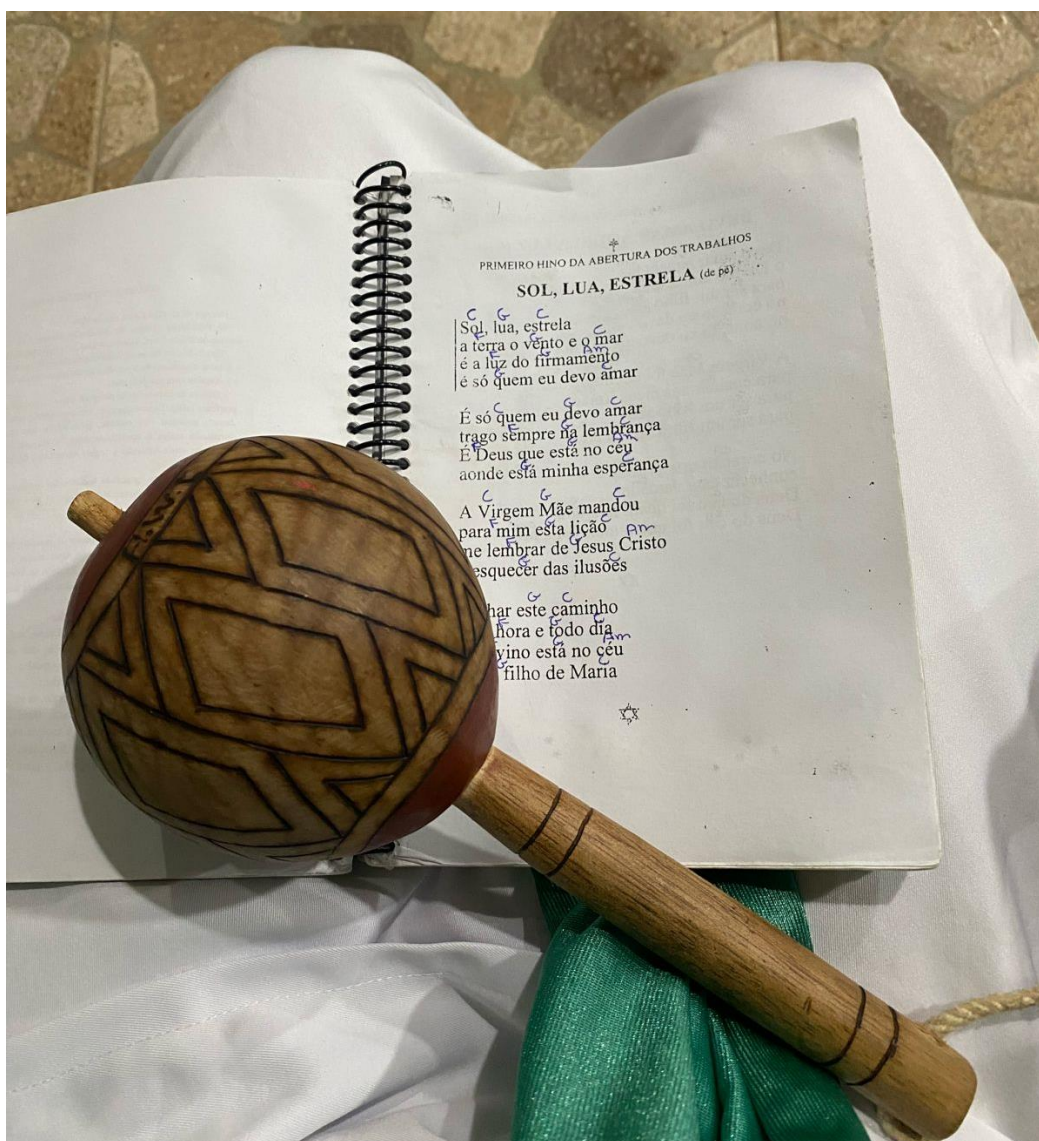
A musicalidade é parte intrínseca das doutrinas, funcionando como uma condutora a um estado psíquico mais elevado, de concentração em si, por isso a importância de músicas de cunho espiritual, com mensagens positivas. Nesta fotografia, o objetivo foi demonstrar a concentração da irmã Nayara, com o caixa de som de fundo, demonstrando a importante condução do som nestes rituais.

Após o período de concentração chega a hora de cantar o hinário, que desta vez, foi o do Santo Cruzeiro recebido pelo precursor da doutrina, Mestre Irineu. Neste momento, os

irmãos vão em busca de seus hinários e maracás, garantindo que os visitantes também possam acompanhar e cantar os hinos, pois o ato de cantar em si já faz parte da cura.

Como se trata de uma festividade firmada no calendário partiu de mim então a disponibilidade de estar presente nas ocasiões para retratar, sem possibilidade de adiamento ou adiantamento.

Figura 20. Canto do Hinário sob um outro ângulo



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

A foto acima retrata os instrumentos de poder usados para o instante de louvor ao que chamamos de desconhecido, Deus, a Virgem Mãe, Jesus Cristo e todos os seres divinos. A

simbologia do canto do hinário remete diretamente a uma batalha com nosso ego, os hinos são nossos escudos, protegem das histórias contadas pela mente, enquanto o maracá é a espada que nos fortalece e dá firmeza. Daí a importância de entoar estas palavras sagradas contidas nos hinos, com fé, para vencer qualquer tipo de pensamento que possa aparecer para nos esmorecer.

Figura 21. Mestra Micaelly, puxadora do CBSFA, conduzindo o batalhão feminino no Hinário



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

Para iniciar o hinário sempre há uma puxadora ou puxador que, neste caso, foi Mestra Micaelly, a qual entoa as primeiras estrofes e em seguida marca o tempo para os irmãos acompanharem. O hinário é cantado na força da Ayahuasca, e diferente do momento de transe

da concentração, este momento exige um pouco mais de movimento e atenção às palavras, mas claro, dentro da possibilidade de cada um.

Por fim, vale ressaltar que as doutrinas oaskeiras são guiadas através da palavra do mestre, e que para isso todos precisam estar em silêncio, atentos a ouvir e examinar. Nesta crença e tradição, não há imposição de dogmas, mas sim o convite feito para todos de um auto exame e observação, até mesmo as palavras proferidas que devem ser meditadas e não aceitas cegamente.

Figura 22. Explicação do Mestre Anthony ao final da sessão



Fonte: Letícia Ferreira (2024)

No fim da sessão ocorre a explicação do Mestre Anthony, momento de ensino e gratidão, com o fechamento do oratório da sessão. Além do direcionamento a respeito da continuação do trabalho do Feitio.

6.3. PÓS-PRODUÇÃO

Durante o período de produção das imagens no Centro Beneficente São Francisco de Assis foi possível coletar 224 imagens do período do processo do Feitio da Ayahuasca, sessões e mutirões de trato com as plantas. Desta quantidade, 39 fotos foram minuciosamente selecionadas, observando elementos como qualidade da foto, ângulo correto e a linha do tempo, em busca de um registro coeso da tradição histórica e cultural da Ayahuasca e de tudo que gira em torno dela.

Ao fazer a separação optei por imagens na luz do dia que, graças à iluminação natural, garantiram uma maior qualidade e visualização, porém, não descartei as tiradas à noite, já que foram de suma importância para o registro completo. Com o auxílio da minha orientadora, Dr^a Raquel do Monte, foquei em dar preferência às fotografias que captam a experiência mística, e ao mesmo tempo, a simplicidade existente neste trabalho. Então foram escolhidas 21 fotos para compor este ensaio fotográfico, além da primeira fotografia que foi tirada em 2023.

Algumas imagens precisaram ser de noite, já que boa parte do trabalho ocorreu neste horário. Daí a importância de mais uma etapa da pós-produção, que é a edição das imagens, que corroborou intimamente numa imagem fotográfica bem apresentada e eficaz. O grande desafio desta fase foi manter o padrão das cores das imagens, já que elas ocorrem em locais e horários diversos. Neste momento foi usado o aplicativo Snapseed, que garantiu uma edição completa e deu ainda mais valor à imagem, com contraste, saturação, brilho e sombras, através de um exame muito cuidadoso de uma por uma.

Passado este período, parti então para a diagramação das imagens dentro do trabalho, organizando-as de acordo com a história contada no fotolivro, relacionando-as diretamente ao corpo do texto, que já vem de lá do começo da formação das doutrinas, até o momento presente, com a expansão e as novas mudanças que vem revolucionando a importância das mulheres dentro das doutrinas oaskeiras.

Devido ao formato das imagens em retrato e o assunto de que se trata algumas foram selecionadas para estar juntas, lado a lado, numa mesma página, com exceção de uma delas, que permeia a página inteira, dada a sua qualidade e beleza. Já as demais fotos, na horizontal ou no formato 4:3, foram deixadas cada uma em uma página, garantindo a harmonia e fluidez do ensaio fotográfico, no olhar do observador.

As legendas já criadas foram escolhidas de acordo com a vivência e conhecimento que tenho a respeito do assunto, para que possa servir de alicerce para o entendimento das fotografias. Então foi possível, através deste desenvolvimento, criar um fotolivro da história da chegada da Ayahuasca nas grandes cidades, até chegar na capital alagoana, elencando sua importância cultural e religiosa, de maneira concisa e única, com os detalhes de como ocorre um Feitio, o funcionamento e expansão das doutrinas existentes. A apuração deste trabalho trouxe o resultado de uma pesquisa minuciosa que retrata como de fato é ser um oaskeiro da cidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que a humanidade evoluiu bastante em termos de tecnologia, visto que hoje, para pesquisar sobre um tema basta pegar o celular e olhar o Google, bem como para retratar um momento, calcular, conversar com alguém, etc., tudo na palma da mão. Mas apesar deste “boom” tecnológico muitas tradições ainda se mantêm, isto é possível observar na cultura oasqueira, que já passou por tanta expansão, com pessoas do mundo inteiro, ideias e ideais, mas o cerne da questão, a ritualística ensinada pelos mestres fundadores permanece até hoje.

Este trabalho cumpre seu objetivo ao retratar historicamente uma cultura que não é tão popularizada, que se baseia na crença, fé e tradição de seus adeptos, mas que nem por isso deve ser engessada a momentos anteriores da sociedade. Daí a importância de evidenciar que os tempos são outros e, portanto, as mulheres têm papel fundamental e merecem o espaço devido para ascender dentro destas doutrinas.

É conhecendo a nossa própria história que aprendemos a ser e fazer melhor diante da sociedade como um todo. O fotojornalismo surge como uma possibilidade de comprovar o que o texto elucida para que o exemplo destas mulheres passe de geração em geração, e cada vez mais ocupemos nosso lugar de direito. As mestras citadas são só alguns dos tantos exemplos que existem por aí a fora, para que as próximas que virão saibam que têm espaço para elas nesta religião brasileira, e que não se pode defender o machismo com a desculpa da tradição.

Presume-se que este trabalho vá além das fronteiras acadêmicas e surja para aqueles que precisam conhecer uma das doutrinas e se encontrar. Ademais, que esta cultura riquíssima de brasilidades passe a ser ainda mais conhecida e desmitificada, vista como ela realmente é, em sua simplicidade e tradição, para que mais e mais pessoas possam se aproximar e reconhecer como algo nosso, um patrimônio cultural brasileiro e também maceioense.

Por fim, esta pesquisa atinge sua função social ao retratar e divulgar a experiência mística contida na Ayahuasca, sua história e desenvolvimento, além da simplicidade da vida de oasqueiros da cidade, que requer trabalho e união, através do fotojornalismo, ferramenta essencial para humanidade captar as emoções da imagem.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Isabela Lara. **Breve Histórico da Ressignificação da Ayahuasca na Religião do Santo Daime**. R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p.316 - 342, jul/dez, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2010v7n2p316/16333>>. Acesso em: 15 de out. de 2023.

LIRA, Wagner Lins. **“Da seringa ao chá”**: Uma História de Mestres e Padrinhos na Amazônia brasileira. Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife (PE), Brasil. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/NdFdt56nKdTHzTzpTt7Z39p/#>>. Acesso em: 27 de nov. de 2023.

LABATE, Beatriz Caiuby. **“O Centro de Cultura Cósmica”**. Bia Labate - News. 12, jul, 2007. Disponível em: <<https://www.bialabate.net/news/o-centro-de-cultura-cosmica>>. Acesso em: 19 de jan. de 2024.

LABATE, Beatriz Caiuby, FEENEY, Kevin. **“O processo regulatório da ayahuasca no Brasil no âmbito internacional: desafios e implicações”**. Periferia [on-line]. 2011, 3(2). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156375008>>. Acesso em: 22 de jan. de 2024.

GREGANICH, Jéssica. **Entre a rosa e o beija-flor**: um estudo antropológico de trajetórias na União do Vegetal (UDV) e no Santo Daime. Porto Alegre - RS. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<https://cetadobserva.ufba.br/pt-br/publicacoes/entre-rosa-e-o-beija-flor-um-estudo-antropologico-de-trajetorias-na-uniao-vegetal-udv-e>>. Acesso em: 16 de jan. de 2024.

BOMFIM, Cristiane. **“Substância presente em chá de Ayahuasca estimula a formação de neurônios”**; Viva Bem. 23 de nov. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/11/23/substancia-presente-em-cha-de-ayahuasca-estimula-formacao-de-neuronios.htm>>. Acesso em: 06 de out. de 2023.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. “**Sociedade de massa**”; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociedade-massa.htm>> Acesso em 29 de jan.de 2024.

ALVES, José Eustáquio Diniz. “**A aceleração da transição religiosa no Brasil: 1872-2032**”, Ecodebate, 12 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2022/10/12/a-aceleracao-da-transicao-religiosa-no-brasil-1872-2032-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 30 de jan. de 2024.

“**Número de brasileiros com transtornos mentais preocupa especialistas**”. Jornal USP, Ribeirão Preto, 04 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/numero-de-brasileiros-com-transtornos-mentais-preocupa-especialistas/>>. Acesso em 04 de jan. de 2024.

MACKELLENE, Léo. “**Mídia e Preconceito: A revista VEJA, o caso Cadu e a Descriminalização/Legalização da maconha**”. Faculdade Luciano Feijão: Scientia. vol.2, n. 4, p. 219 - 401, Nov.2014/Jun.2015. Disponível em: <https://flucianofejiao.com.br/faculdade/site_novo/scientia/servico/pdfs/Scientia_4/Analise_d_o_Discurso/MIDIA_E_PRECONCEITO_A_REVISTA_VEJA_O_CASO_CADU_E_A_DE_SCRIMINALIZACAO_LEGALIZACAO_DA_MACONHA_Leo_Mackellene.pdf>. Acesso em 05 de jan. de 2024.

MARCHI, Naiadi Bertoldo. “**A mídia como um 4º Poder: a influência no direito processual penal**”. Migalhas, 10 de mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/depeso/341515/a-midia-como-um-4-poder-a-influencia-no-direito-processual-penal>>. Acesso em 07 de jan. de 2024.

AMARAL, Sueli Angélica do. **Marketing da informação**: abordagem inovadora para entender o mercado e o negócio da informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 40,

n. 1, p. 85-98, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652011000100007> Acesso em: 20 jan. 2016.

BRITO, Auriney Uchôa. **Poder da Mídia: Uma Análise do Direito Penal na Sociedade da Informação.** Trabalho publicado nos Anais do XVIII Congresso Nacional do CONPEDI. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/Anais/sao_paulo/2517.pdf>. Acesso em 12 de jan. de 2024.

Doutrina Reencarnacionista. **Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**, [s.d.]. Disponível em: <<https://udv.org.br/ritual-religioso-na-uniao-do-vegetal/doutrina-reencarnacionista/>> Acesso em 29 de jan. de 2024.

MARTINS, Silvia A. C. **Usos ritualísticos de ayahuasca em Alagoas: “escutando o coração das coisas”.** Trabalho apresentado na III Reunião Equatorial de Antropologia, UFRR, Boa Vista-RR, 13 a 17 de agosto de 2011. Disponível em: <https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/martins_coracao_coisas_rea.pdf>. Acesso em: 24 de out. de 2023.

FARACHE, Ana. Fotografia: uma experiência entre a memória e a imaginação. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, p. 13-34, 2008.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica.** *Historiæ*, Rio Grande, 1 (2): 113-120, 2010.

CATANHO, Fernanda Jansen Mira. **A edição fotográfica como construção de uma narrativa visual.** *Discursos fotográficos*, Londrina, v.3, n.3, p.81-96, 2007.

SANTOS, Rafael Guimarães dos. **Ayahuasca: Neuroquímica e Farmacologia**. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, Ribeirão Preto, v3, n1, art. 6, p.01-11, 2007.